

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO EM CIÊNCIA DA SAÚDE E
DO MEIO AMBIENTE**

**CONCEITOS HISTÓRICOS DE ENFERMAGEM:
Lições de Florence Nightingale para a atualidade**

Aline Silveira Alves Figueiró

VOLTA REDONDA

2022

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO EM CIÊNCIA DA SAÚDE E
DO MEIO AMBIENTE**

**CONCEITOS HISTÓRICOS DE ENFERMAGEM:
Lições de Florence Nightingale para a atualidade**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino Ciência da Saúde e do Meio Ambiente da UNIFOA como parte dos requisitos para obtenção da titulação de Mestre.

Aluna:

Aline Silveira Alves Figueiró

Orientadora:

Profa. Dra. Ilda Cecília Moreira da Silva

VOLTA REDONDA

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Bibliotecária: Alice Tação Wagner - CRB 7/RJ 4316

F475c Figueiró, Aline Silveira Alves
Conceitos históricos de enfermagem: lições de Florence
Nightingale para a atualidade. / Aline Silveira Alves Figueiró. - Volta
Redonda: UniFOA, 2022. 44 p.

Orientador (a): Profa. Ilda Cecília Moreira da Silva

Dissertação (Mestrado) – UniFOA / Mestrado Profissional em Ensino
em Ciências da Saúde e do Meio Ambiente, 2022.

1. Ciências da saúde - dissertação. 2. História do cuidado. 3. Enfermagem - história. 4. Teoria ambientalista. I. Silva, Ilda Cecília Moreira da. II. Centro Universitário de Volta Redonda. III. Título.

CDD – 610

FOLHA DE APROVAÇÃO

Aluno: Aline Silveira Alves Figueiró

CONCEITOS HISTÓRICOS DE ENFERMAGEM: LIÇÕES DE FLORENCE NIGHTINGALE PARA A ATUALIDADE

Orientador:

Prof^ª. Dr^ª. Ilda Cecília Moreira da Silva

Banca Examinadora



Prof^ª. Dr^ª. Ilda Cecília Moreira da Silva



Prof^ª. Dr^ª. Christina Silva Costa Klippel



Prof. Dr. Paulo Roberto de Amoretty

Dedico essa dissertação aos meus avós Eduardo e Jandira (in memoriam) e Djalma e Juraci (in memoriam), que com certeza estão orgulhosos até onde a neta deles chegaram mesmos eles só tendo o primário, eles prezavam a educação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e a Nossa Senhora Aparecida pelo dom da vida!

Aos meus pais Edinaldo e Maria Clóris por todo o apoio, e estímulo para chegar aonde eu quisesse e realizasse meus sonhos.

Ao meu irmão Arthur, obrigada por todo o apoio nesse processo, por muitas vezes eu te deixar trabalhando sozinho. Desculpa, foi por uma boa causa.

Ao meu marido Ronaldo Figueiró, obrigada pelo seu apoio incondicional, por me fazer ver que eu era capaz, mesmo muitas vezes eu duvidando de mim mesma. Essa vitória não é só minha e sim nossa. Obrigada!

A minha filha Maria Júlia, tudo que eu faço é pensando em seu futuro, em querer que um dia você sinta orgulho de mim. Sou a mãe mais orgulhosa que existe. Você é minha fonte de inspiração.

Ao Flavio Vaz, obrigada por toda a colaboração inestimável nesse processo.

A prof^a Ilda, obrigada por todo o seu apoio e aprendizado nesse processo. Se um dia eu tiver a chance de ser 1% da professora que a senhora é tenho certeza que serei uma profissional e tanto. Você é uma das minhas fontes de inspiração na vida acadêmica.

EPIGRAFE

A Enfermagem é uma arte; e para realizá-la como arte, requer uma devoção tão exclusiva, um preparo tão rigoroso, quanto a obra de qualquer pintor ou escultor; pois o que é tratar da tela morta ou do frio mármore comparado ao tratar do corpo vivo, o templo do espírito de Deus? É uma das artes; poder-se-ia dizer, a mais bela das artes!

Florence Nightingale

RESUMO

A história da enfermagem teve início há milhares de anos, ainda antes do nascimento de Cristo. Neste período, as doenças eram consideradas castigo divino devido à falta de conhecimento por parte da sociedade daquela época. Mesmo assim, os enfermos recebiam cuidados, principalmente de mulheres. O objetivo deste estudo é elaborar um instrumento para disseminação de conceitos históricos da enfermagem destinado a alunos de cursos de graduação e técnico. Realizou-se uma Revisão Integrativa de Literatura por meio das bases de dados Web of Science, Scielo, Google Scholar e Pubmed. Adotou-se os seguintes as seguintes palavras-chave para o desenvolvimento do estudo: história do cuidado, história da enfermagem, teoria ambientalista” e “teoria ambientalista”. A busca resultou em 127 artigos e, após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, incluiu-se 12 artigos para discussão. Os estudos abordados nesta revisão integrativa abordam principalmente a estrutura da teoria e suas aplicações, sendo um único trabalho dedicado ao ensino da teoria. Desta forma, elaborou-se um Produto que aborda conceitos da Teoria Ambientalista de Florence Nightingale para alunos de graduação e técnico em enfermagem. Assim, por meio dos achados do estudo, evidencia-se que, apesar da importância acerca do tema abordado, existe uma carência de pesquisas relacionadas sobre o ensino da Teoria Ambientalista de Florence Nightingale para discentes da área de enfermagem. A partir desse estudo foi gerado um flipbook cujo título é História da enfermagem: fundamentos nightingaleanos.

Palavras-chave: História do Cuidado; História da Enfermagem; Teoria Ambientalista; Teoria Ambientalista.

ABSTRACT

The history of nursing began thousands of years ago, even before the birth of Christ. In this period, diseases were considered divine punishment due to the lack of knowledge on the part of the society of that time. Even so, the sick received care, mainly from women. This study aims to develop an instrument for the dissemination of historical nursing concepts aimed at undergraduate and technical students. An Integrative Literature Review was carried out using the Web of Science, Scielo, Google Scholar and Pubmed databases. The following keywords were adopted for the development of the study: history of care, history of nursing, environmental theory” and “environmental theory”. The search resulted in 127 articles and, after applying the inclusion and exclusion criteria, 12 articles were included for discussion. The studies addressed in this integrative review mainly address the structure of theory and its applications, with a single work dedicated to the teaching of theory. In this way, a Product was elaborated that addresses concepts of Florence Nightingale's Environmental Theory for undergraduate and nursing technicians. Thus, through the findings of the study, it is evident that, despite the importance of the topic addressed, there is a lack of research related to the teaching of Florence Nightingale's Environmental Theory to nursing students. From this study, a flipbook was generated whose title is History of Nursing: Nightingalean Fundamentals.

Keywords: History of Care; History of Nursing; Environmentalist Theory; Environmentalist Theory.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 OBJETIVO	14
2.2 OBJETIVO GERAL.....	14
2.2.1 Objetivos Específicos	15
3 REVISÃO DE LITERATURA	15
3.1 BASES HISTÓRICAS DO CUIDADO.....	27
3.2 EXPRESSÃO DO CUIDADO E A TEORIA AMBIENTALISTA	20
3.3 ESCOLAS DE ENFERMAGEM NO BRASIL	21
4 METODOLOGIA	26
4.1 FASES DA REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA	26
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	28
5.1 PRODUTO EDUCACIONAL	33
6 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	34
CRONOGRAMA	37

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 01 - Fluxograma baseado no PRISMA 2010	29
FIGURA 02 - Representação da Capa do Produto	33

LISTA DE TABELAS

TABELA 1- Descrição dos estudos incluídos na revisão integrativa	30
---	----

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACOES

UTI - Unidade de Terapia Intensiva

APRESENTAÇÃO

O surgimento do tema central desta dissertação se fez presente ao longo da minha graduação de enfermagem, pois sempre tive a percepção acerca da necessidade de aprofundar no conhecimento da História da Enfermagem e conceitos de cuidados com base em Florence Nightingale.

No que tange a minha formação, sou formada pela Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO), onde tive a chance de estar em diversos campos de estágio, um em especial me fez amar a Teoria Ambientalista de Florence Nightingale e sua aplicação na prática profissional, foi na unidade básica de saúde que ficava no antigo Aterro sanitário de Jardim Gramacho, onde me deparei com o estado deplorável que os pacientes dessa unidade viviam e principalmente as doenças comuns entre eles oriundas do ambiente em que viviam.

Ao longo de minha carreira na enfermagem, percebi a carência acerca do conhecimento sobre conceitos Históricos da Enfermagem por parte de profissionais de nível técnico. Vale ressaltar que ainda existem enfermeiros que reconhecem a necessidade de aprofundar seus conhecimentos acerca do tema. Assim, diante da relevância do tema, obtive inspiração para desenvolver o presente estudo e elaborar um Produto que sirva como um instrumento para disseminação de conhecimentos acerca da história da enfermagem, bem como do legado de Florence Nightingale, considerando que a mesma exerceu um papel de extrema relevância neste cenário.

1. INTRODUÇÃO

As práticas de saúde podem ser subdivididas nos períodos históricos das práticas instintivas, práticas de saúde magico-sacerdotais, práticas de saúde no alvorecer da ciência, práticas de saúde monástico-medievais, práticas de saúde pós monásticos e práticas de saúde no mundo moderno (BORGES, 2000). No início, as práticas de saúde instintiva, que essencialmente eram a forma que ocorria a prática do cuidado em grupos nômades, práticas essas que se baseavam em preservar a sobrevivência do homem, um trabalho então atrelado ao sexo feminino (GEOVANINI, 1995).

Esse período foi sucedido pela fase das práticas de saúde magico-sacerdotais que, por sua vez, eram a relação do místico com as práticas religiosas e de saúde primitivas; tais atividades eram desenvolvidas por sacerdotes em templos que, além de seu papel cerimonial, também abrigavam escolas para ensino da cura. Nesse período, as concepções das doenças e do funcionamento do corpo eram variadas; por este fato, esse período marcou o empirismo e o começo da evolução do conhecimento em saúde. A enfermagem de então teve atuação não muito clara de mulheres de alta classe social e da prática domiciliar (PIRES, 2013).

As práticas de saúde no alvorecer da ciência, por sua vez, tiveram seu início no século V a.C. e se estenderam até os primeiros séculos da era cristã. Este período foi marcado pelos progressos da ciência, pelo estudo da filosofia e pela evolução das práticas de saúde. Nesse momento, a experiência, o raciocínio lógico e o conhecimento da natureza permitiram se estabelecer a relação de causa e efeito, baseada em investigações e observações dos fenômenos (SASSERON; DE CARVALHO, 2016).

Durante o período das práticas monástico – medievais, sendo este compreendido entre os séculos V e XIII, surge a enfermagem conduzida por leigos, realizada então por religiosos. Nesse período, a enfermagem não tinha significado de prática profissional e sim de sacerdócio (BORGES et al., 2000).

O período das denominadas práticas de saúde no mundo moderno teve seu início no século XIX. A enfermagem moderna, por sua vez, tem início na Inglaterra com a revolução industrial: as condições de vida da classe trabalhadora das indústrias nesse período eram precárias e o governo passou a se preocupar com a saúde desse grupo tendo como objetivo cuidar e preparar mão de obra, visto que um -

trabalhador mais saudável produziria mais, o que se refletiria em lucro para a indústria (MEDEIROS e TAVARES, 1997).

A assistência e o cuidado foram se transformando no decorrer dos tempos. Nos anos a.C existia a crença de que a doença era um sinônimo de punição de Deus perante o povo e por esses motivos os sacerdotes e feiticeiros faziam o trabalho de enfermeiro, médico e farmacêutico.

O tratamento tinha como função afastar os maus espíritos por meio de sacrifícios. A partir do momento que adquiriram os conhecimentos das plantas medicinais, a administração e preparo ficou a cargo de auxiliares que faziam a função de enfermeiros e farmacêuticos (BORGES, et al., 2000). Nestes períodos, existiam três tipos de prática: prática de saúde instintiva, prática de saúde mágico-sacerdotais e prática de saúde no alvorecer da ciência (GEOVANINI, 1995).

A prática de saúde instintiva pode ser definida como utilizar as práticas do cuidar na população nômade e primitiva usando o pensamento evolucionista e teológico (FAUR, 2021; GEOVANINI, et al. 1995). No período em que a prática era mágico – sacerdotais, destacava-se um momento em que se usava o empirismo, fazendo a relação das práticas religiosas e místicas utilizada pelos sacerdotes no templo. Esse período ocorreu nos inícios do século V a.C. (SANTOS, 2021).

O período da prática do alvorecer da ciência iniciou-se no século V a.C e estendeu até os primeiros séculos d.C. Esse período se relacionou com o surgimento da filosofia e o avanço da ciência, baseando-se na relação de causa e efeito. Entre os séculos V e XIII, houve o período monástico – medieval, onde o foco era a importância de fatores socioeconômicos e políticas do medievo e do sistema feudal e suas relações com o cristianismo (SILVA, 2019).

No período feudal, as religiosas faziam o papel de enfermeiras e seu trabalho era o de purificar os pecados de seus pacientes salvando suas almas. Neste período, acreditava-se que a doença seria um pecado cometido pelo homem, sendo assim, uma visão filosófica da igreja. Após o enfraquecimento do sistema feudal e da igreja, as religiosas não trabalhavam mais no cuidado, deixando a cargo de prostitutas e alcoólatras. Nesse período o cuidado era feito pela intuição e pelo senso comum (SILVA, 1986).

Ao final do século XIII até o início do século XVI, o período foi chamado de pós monásticas, período de movimento protestante e renascimento, onde se tem como destaque a evolução da prática de saúde (GEOVANINI, 1995). A partir do século XVIII, com o surgimento do capitalismo, foi necessária mais força de trabalho de enfermeiro visto que a mentalidade modificou: a doença como ameaça aos trabalhadores (BORGES, et al., 2000).

A partir do início da Revolução Industrial no século XVI, a prática da enfermagem começou a ser analisada sob a perspectiva sócio econômica capitalista, surgindo a enfermagem como prática institucionalizada. Esse período acaba com o surgimento da enfermagem moderna na Inglaterra no século XIX. (LOPYOLA; OLIVEIRA, 2021).

Já no século XIX, em maio de 1820 na Inglaterra nasceu Florence Nightingale, fundadora da enfermagem moderna. Florence Nightingale era da alta sociedade inglesa e seu destino seria casar e viver na aristocracia. Entretanto, ela abdicou-se desse destino e se voluntariou para ser enfermeira na Guerra da Crimeia, de 1854 a 1856 (LOPES; SANTOS, 2010).

Durante seu trabalho na guerra Florense Nightingale quebrava paradigmas relacionados ao trabalho da mulher no exército nas funções de enfermagem. Com isso, ela mostrava para a sociedade que a enfermagem é um trabalho útil para a mulher (COSTA et al., 2009).

Diante deste cenário, torna-se possível obter um breve histórico sobre o cuidado desde o período das práticas de saúde instintivas até as práticas de saúde no mundo moderno. Destarte, considerando o cenário e as necessidades atuais, torna-se possível, ainda, discutir a importância da aplicação da Teoria Ambientalista de Florence Nightingale, grande marco na história do cuidado.

2. OBJETIVO

2.1 OBJETIVO GERAL

Elaborar um instrumento para disseminação de conceitos históricos da enfermagem destinado a alunos de cursos de graduação e técnico.

2.1.1 Objetivos Específicos

- Analisar o estado arte acerca das bases históricas da enfermagem por meio da literatura nacional;
- Apresentar um histórico sobre o cuidado desde o período das práticas de saúde instintivas até as práticas de saúde no mundo moderno;
- Discutir aspectos da Teoria Ambientalista de Florence Nightingale.
- Produzir um flipbook sobre a história da enfermagem, teoria ambientalista e sobre a primeira faculdade de enfermagem no Brasil.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1 BASES HISTÓRICAS DO CUIDADO

As bases históricas do cuidado têm seus primórdios no período conhecido como pré-cristão, no qual as patologias eram consideradas pela sociedade da época o resultado do poder do diabo ou um castigo divino (BORGES et al, 2000). Durante esse período o cuidado cabia a feiticeiras e sacerdotes, sendo o tratamento realizado por meio de sacrifícios, com o intuito de “afastar os maus espíritos”; além dessa prática eram também empregados banhos de água fria e quente, purgativos e massagens. Após alguns anos, os sacerdotes conquistaram o conhecimento sobre as plantas medicinais e ensinaram para algumas pessoas, que passaram a fazer o trabalho de farmacêuticos e enfermeiros (GESTEIRA; LEA; SANTIAGO, 2019).

No Egito antigo, por sua vez, o cuidado era feito por meio de hipnotismo e interpretações de sonhos, uma vez que existia uma crença vigente de que os indivíduos poderiam influenciar na saúde uns dos outros. Neste período já existiam receitas de medicações, devendo ser administradas junto com as orações (GEOVANINI, 1995).

Na Índia do século VI a.C, já existia tratamento com suturas, correções de fraturas, amputações e trepanações (ALMEIDA et al., 2019). Os hindus já tinham o conhecimento de nervos, ligamentos, músculos, vasos linfáticos, plexos e antídotos para alguns tipos de venenos e conheciam processos digestivos. A religião hinduísta contribuía para o desenvolvimento da medicina e da enfermagem, existindo na época uma exigência de que enfermeiros deviam ser capazes demonstrar conhecimentos científicos e qualidades morais. Nos hospitais haviam músicos e contadores de história. Os hindus proibiam o

derramamento de sangues e dissecação de cadáveres pelo fato deles terem respeito ao corpo humano. As patologias eram consideradas castigos dos deuses hindus (TEIXEIRA, 2002).

Na Palestina, determinou-se condições de higiene, onde existia o cuidado com os doentes, em relação a desinfecção, diagnóstico, distanciamento de objetos contaminados. Decretou-se, ainda, leis sobre o sepultamento para que não houvesse contaminação do solo e os doentes em viagem, tinham a hospedagem gratuita (TURKIEWICZ, 1995).

Já entre os assírios e babilônios, haviam penalidades para médicos que não faziam o seu trabalho de forma correta por meio de castigos como amputação de mãos, entre outros. Acreditava-se que as patologias eram causadas por sete demônios; com isso, a magia era um preceito da medicina. Os talismãs com orações eram usados contra os demônios e eram vendidos por médicos – sacerdotes. Não existiam hospitais. A cura de doenças como lepra dependia do milagre divino (DIAS et al., 2016).

Os chineses classificavam suas doenças como benignas, médias e graves. Os doentes eram tratados por sacerdotes, sendo divididos em categorias correspondentes ao grau das doenças. Havia o conhecimento de algumas doenças como varíola e sífilis. O único procedimento cirúrgico realizado era operação nos lábios. Havia tratamentos de patologias como: anemias, verminoses, doenças de pele e sífilis e a maioria dessas doenças eram tratadas com plantas medicinais. Faziam-se anestesia usando ópio. Não houve avanços em procedimentos cirúrgicos devido ao impedimento de dissecar cadáveres. Já no seu vizinho, Japão, a terapia usada era o uso de águas termais. Além disso, havia a aprovação e o estímulo do uso da eutanásia (SILVA, 1986).

Os gregos trouxeram contribuições significativas para o progresso da medicina e da enfermagem. Nesta época já se empregavam sedativos, vitaminas fortificantes, e já era praticada a retirada de corpos estranhos, bem como o uso de ataduras. O cuidado era basicamente realizado por sacerdotes – médicos que faziam o diagnóstico por meio de interpretações de sonhos. Os tratamentos eram realizados por meio de massagens, banhos, dietas, sangrias, sol, água mineral e ar puro (SILVA, 1986). A morte e o nascimento não eram considerados puros gerando o descaso com a obstetrícia e o afastamento dos doentes graves.

Hipócrates identificou patologias tais como a malária, tuberculose, neurose, histeria e luxações.

Por Hipócrates não acreditar que as patologias eram provocadas por maus espíritos, começou a fazer observações dos pacientes, fazendo diagnósticos, prognósticos e aplicando sua terapêutica que era fundamentada no princípio de não se contrariar a natureza e sim auxiliá-la no tratamento, sendo este baseado em banhos, dietas, massagens, ginásticas, vômitos, sangrias, calmantes e purgativos (TURKIEWICZ, 1995).

Em Roma, o desenvolvimento da medicina teve a influência dos gregos. Vale ressaltar que a medicina não tinha privilegio em Roma e era realizada por estrangeiros ou escravos. Roma determinou a ventilação na casa, água pura e abundante, rede de esgotos e limpeza das ruas. Os mortos eram enterrados fora dos arredores da cidade em um local chamado Ápia (DONOSO-VÁZQUEZ et al., 2011).

Florence Nightingale, uma jovem à frente de seu tempo, estudou vários idiomas (grego, latim e línguas modernas) e disciplinas como estatística, matemática, filosofia, religião e história. Por viajar bastante, foi para vários países como França (Paris), Itália (Roma), Egito e Alemanha (Kaiserwerth), onde pôde observar como a enfermagem era realizada, tendo após seu retorno, relatado aos seus pais seu desejo de se empenhar em ser uma enfermeira, algo que no primeiro momento sofreu resistência, em especial de sua mãe, embora posteriormente tendo aceitado sua decisão (BORGES et al., 2000).

Florence Nightingale ficou conhecida como a fundadora da enfermagem moderna, devido a sua participação na Guerra da Crimeia do ano de 1854 (MEDEIROS E TAVARES, 1997). Nesse período, Florence Nightingale ficou hospedada no principal hospital britânico. Ali, ela teve a oportunidade de observar de forma empírica as dificuldades que existiam nesse estabelecimento tais como a falta de recursos, hostilidade por parte dos médicos, crescente número de feridos e mortos, falta de preparo dos profissionais enfermeiros e preconceitos diversos.

No primeiro momento, Florence Nightingale elaborou duas medidas de ação: a primeira foi relacionada às enfermeiras que ficariam sob as ordens dos médicos, enquanto a segunda foi a criação de uma lavanderia para a lavagem das roupas de cama dos leitos. Após 30 dias dessas medidas já foi possível se

observar alguns resultados como a melhoria da dieta, manutenção das enfermarias e roupas limpas para os soldados. De forma concomitante a essas iniciativas, Florence Nightingale escrevia cartas para os familiares dos soldados que estavam no hospital e enviava dinheiro para suas famílias. Uma de suas iniciativas foi criar uma sala de atividades e leituras para os pacientes e todas as noites andava pelos corredores de um hospital improvisado no campo de batalha com uma lamparina para observar e cuidar dos pacientes (ATTEWELL, 1998).

Neste interim, Florence Nightingale propôs sua Teoria Ambientalista, a qual postula que o ambiente influencia diretamente a recuperação do paciente, indicando os fatores ideais para a organização do ambiente (MARTINS e BENITO, 2016). Sua teoria descrevia três ambientes: o ambiente físico, que se tratava do local de tratamento em si, o ambiente social, que se referia ao lar do paciente e seu entorno, e o ambiente psicológico, o qual se referia ao estado psicológico do paciente (NIGHTINGALE, 1989).

Florence Nightingale se tornou um símbolo da esperança, tendo seu trabalho não apenas mudado a forma de organizar o trabalho da enfermagem e de salvar vidas (COSTA et al, 2009). Deste modo, os padrões da época foram modificados e os preconceitos em relação ao trabalho da mulher no exército foram quebrados, modificando a visão do trabalho da enfermagem. Para Florence Nightingale, a enfermagem era uma arte que deveria ter treinamento prático, organizado e científico, de forma que a enfermeira deveria ser capacitada a servir a medicina, a higiene e a cirurgia (COSTA et al., 2009).

Durante sua trajetória, Florence Nightingale descreveu dois tipos de enfermagem: a da saúde e a da doença. A enfermagem da saúde é aquela que necessita de ensinamento prático e tem como objetivo prevenir doenças e pode ser praticada por mulheres, enquanto a enfermagem da doença é aquela em que a enfermagem é arte e ciência e como tal é necessário treinamento, organização e conhecimento científico para cuidar daqueles pacientes que sofrem algum tipo de patologia (NIGHTINGALE, 1989).

Com toda a sua genialidade administrativa, no ano de 1855, um grupo de apoiadores se reuniu com o objetivo de ganhar fundos para que Florence Nightingale reformasse os hospitais civis e criasse um instituto para formação de enfermeiras (Lopes e Santos, 2010). Em 1860, com as doações de 44 mil libras do governo inglês, criou-se a escola de enfermagem Florence no Hospital Saint

Thomas, na cidade de Londres, tendo essa escola surgido devido à demanda para treinar pessoal capaz de realizar a assistência de enfermagem e disciplinar a conduta da enfermeira. Essa escola aceitava matrículas basicamente de jovens do sexo feminino oriundas de famílias abastadas as quais pagavam por seus estudos. Também existia a classe inferior que eram pessoas que estudavam gratuitamente, mas trabalhavam gratuitamente durante um ano no hospital, como forma de pagar pela educação recebida (BORGES et al, 2000).

O trabalho de Florence Nightingale e seus ensinamentos foram difundidos para vários países como França, Canadá, Itália, Estados Unidos, Alemanha, Dinamarca, Áustria, Suécia, Holanda, Finlândia, Noruega, Espanha, Bélgica, Espanha, Suíça, Grécia, China, Índia, Brasil, entre outros (BORGES et al., 2000). No Brasil, no início do século XX, com a modernização das cidades e o aumento das exportações e a imigração, começaram a surgir vários problemas sanitários nas cidades brasileiras, o que tornou fundamental a implantação de um modelo sanitário, com o objetivo de transformar a saúde em um problema nacional.

A primeira Escola de enfermagem brasileira implantada nos moldes da enfermagem moderna foi a Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, em 1922. Outros nomes foram atribuídos: Escola de Enfermeiras Dona Anna Nery (1926); Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade do Brasil (1937) e Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1965).

Em resposta a essa necessidade, em janeiro de 1923, na cidade do Rio de Janeiro, seria fundada a Escola Anna Nery, a primeira escola de enfermagem moderna, fortemente influenciada pelas ideias de Florence Nightingale, criada por enfermeiras norte americanas que vieram a partir de um convite feito pelo Governo brasileiro sob a supervisão da Fundação Rockefeller (MOREIRA E OGISSO, 2005, KRUSE 2006).

Embora a Teoria Ambientalista e sua concepção de ambiente físico tenha influenciado profundamente o design de hospitais modernos (DOSSEY, 2020), a demanda crescente por leitos gerada pela *Corona Virus Disease - 2019* (COVID-19) impôs novos desafios estruturais, levando a necessidade da construção de novos hospitais e a conversão de espaços com outras finalidades em hospitais de campanha.

No Brasil, em particular, muitos hospitais de campanha se assemelham às alas com grandes espaços sem subdivisões empregadas por Florence Nightingale no Sec. XIX (MARTISCHANG et al., 2020), as quais oferecem bastante ventilação, iluminação e o distanciamento social, conforme preconizado pela Teoria Ambientalista (NIGHTINGALE, 1989).

3.2 EXPRESSÃO DO CUIDADO CONFORME A TEORIA AMBIENTALISTA DE FLORENSE NIGHTINGALE

O cuidado pode ser expressado em pré e pós Teoria Ambientalista escrita por Florence Nightingale, que trabalhou nos campos de batalha na guerra da Criméia. Ali, a falta de saneamento básico e ambiental e a maneira que se encontrava os pacientes, resultava em uma alta taxa de mortalidade, exigindo atenção imediata (COSTA et al., 2009).

A Teoria Ambientalista conceitua que o ambiente influencia diretamente a recuperação do paciente, então a teoria preconiza os fatores ideais para a organização do ambiente são eles: ventilação, iluminação, limpeza, ruídos, odores e alimentação (MARTINS; BENITO, 2016).

Conforme Nightingale (1989), “deve-se conservar o ar que o paciente respira tão puro quanto o ar exterior, sem deixa-lo sentir frio”. Assim, a teoria a ventilação deve ser realizada arejando o quarto do paciente e o ar puro deve vir da área externa através das janelas deixando o quarto mais fresco. Os corredores e pátios deve ter circulação de ar para arejar o ambiente se não ocorrer pode ocorrer a estagnação do ar causando danos na saúde.

Nightingale (1989) descreveu que a iluminação deve ser observada pela enfermeira o paciente não perca o calor vital sendo um componente vital e essencial para sua recuperação. Cabe ressaltar que a luz é essencial a sobrevivência de todos os seres vivos.

A limpeza, além de remover matérias nocivas, deve dar alívio e conforto, a enfermeira deve se preocupar sempre com a lavagem das mãos e a limpeza do quarto do paciente (NIGHTINGALE, 1989). Assim, entende-se que limpeza exerce total influência sobre o processo saúde/doença.

Os ruídos devem ser uma grande preocupação para a enfermeira, considerando que o silêncio deve prevalecer no quarto, de modo a contribuir

para uma boa recuperação do paciente (NIGHTINGALE,1989). Nota-se, até os dias atuais, placas com a palavra “silêncio” em diversas instituições de saúde.

Os odores oriundos das patologias devem ser observados e retirados pelos enfermeiros e qualquer outro odor que estiver no ambiente deverá ser retirado (NIGHTINGALE,1989). Na verdade, todo e qualquer fator que incomode o paciente deve ser eliminado.

A alimentação deve ser observada pelo enfermeiro, bem como a aceitação e a qualidade da mesma (NIGHTINGALE,1989). Vale destacar que esta afirmação se refere à qualidade nutricional, pois muitas vezes, nem todo alimento que é bom para o organismo é bom para o paladar.

Nightingale também se preocupava com o emocional do paciente, ao declarar:

Torna-se incompreensível para qualquer pessoa, a não ser para a enfermeira experimentada ou para paciente antigo, o grau de sofrimento que os nervos suportam ao olhar para as mesmas paredes, o mesmo teto e o mesmo ambiente (NIGHTINGALE,1989).

Durante esse processo, Nightingale descreveu dois tipos de enfermagem: a da saúde e a da doença. A enfermagem da saúde é aquela que necessita de ensinamento prático e tem como objetivo prevenir doenças e pode ser praticada por mulheres. A enfermagem da doença é aquela que a enfermagem é arte e ciência e como tal é necessário treinamento, organização e conhecimento científico para cuidar daqueles pacientes que sofrem algum tipo de patologia. (NIGHTINGALE,1989).

Em suma, a enfermagem tinha duas funções na época a preventiva e curativa. Nightingale prezava as práticas de observação, experiência e o registro como fundamentais para desenvolver um trabalho que possibilite a recuperação do paciente (NIGHTINGALE, 1989)

3.3 ESCOLAS DE ENFERMAGEM NO BRASIL

A primeira escola de enfermagem no Brasil foi criada em 27 de setembro de 1890, pelo então presidente da república Marechal Deodoro da Fonseca, a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras (EPEE), localizava – se no Rio de Janeiro na época capital da república (KLETEMBERG; SIQUEIRA, 2003).

Essa escola estava vinculada ao ministério da justiça pois na época não havia o ministério da saúde. A escola era domiciliada no Hospício Nacional dos Alienados, onde abrigava doentes mentais ou antissociais encaminhados pelo sistema penitenciário por isso era lotada no ministério da justiça. Houve dificuldades para a implantação devido a superlotação a frequência das aulas eram baixas (MOREIRA; ORGUISSO, 2005).

Durante alguns anos, a escola ficou lotada ao Serviço Nacional de Doenças Mentais. Deste modo, equivocadamente, os profissionais formados pela escola eram considerados como enfermeiros que só trabalhavam com psiquiatria, após o decreto nº 791/1980, em que se relatava que os profissionais dessa escola se preparava para trabalhar em hospitais civis ou militares, quantos os hospícios. (MOREIRA; ORGUISSO, 2005).

A partir da criação da escola, pode ser observada a busca do científico do que é saber, fazer e ser enfermeiros. A partir do ensino teórico e prático começa a se entender os avanços científicos e compreender em sua totalidade o cuidado ao paciente (KLETEMBERG; SIQUEIRA, 2003).

Segundo Moreira e Orguisso (2005), Ernani Lopes, em um discurso de inauguração da Escola de Enfermagem da Policlínica de Botafogo, em 1919 disse:

“A escola que funcionava no Hospital dos Alienados não se alimentava apenas a formar enfermeiro para Alienados, mas enfermeiros e enfermeiras comuns para os hospícios e hospitais civis e militares do país”. O regime rotatório do ensino técnico, fazendo que o enfermeiro do estabelecimento trabalhe sucessivamente durante certo tempo em cada uma das diversas seções anexas, de cirurgias, ginecologia, maternidade, oftalmologia, etc., tem como fim evitar a unilateralização consequente ao serviço permanente em uma mesma enfermaria” (MOREIRA; ORGUISSO, 2005).

O curso teria os seguintes conteúdos: prática de propedêutica clínica, anatomia, fisiologia, higiene hospitalar, curativos, cuidados especiais aos enfermos de diversas categorias, banhos terapêuticos, pequenas cirurgias e administração interna e serviços sanitários e econômicos da enfermaria (BESSA et al., 2006). Os cursos teóricos seriam realizados três vezes por semana e após iria ter uma visita as enfermarias e as práticas seriam realizadas todos os dias nas enfermarias sob a supervisão do médico e a direção geral (MOREIRA; ORGUISSO, 2005).

As disciplinas ofertadas mostram com prioridade a formação de um profissional de visão hospitalar, pois havia uma carência de profissionais com qualificação. O conteúdo do curso teórico e prático corresponde a um método considerado positivista, onde se aprende na teoria e há aplicação na prática, seguindo o modelo francês. A teoria era lecionada por médicos e além dos conteúdos forneciam noções de elementos para um bom desempenho profissional. Já as aulas práticas, eram realizadas pelas enfermeiras francesas contratadas pela escola (KLETEMBERG; SIQUEIRA, 2003).

Para ser admitida a matrícula, as pessoas deveriam ter até dezoito anos, saber ler, escrever e aritmética, apresentar atestados de bons costumes. Poderiam ser matriculados até 30 alunos internos e externos. Eles recebiam acomodação, alimentação e um salário mensal de 20\$ no primeiro ano. A partir do segundo ano, após a primeira aula, passavam a receber 25\$, mas eles deveriam trabalhar como funcionários do local no serviço designado (MOREIRA; ORGUISSO, 2005).

A preocupação do Estado em remunerar o trabalhador deveria ser de prever as pensões caso eles estivessem impossibilitados de exercer sua função, mas denota-se uma política trabalhista em que assegurava as condições dos trabalhadores e manutenção de serviço. Os alunos que tinham as melhores notas, recebiam prêmios de até 50\$. Contudo, os enfermeiros e alunos que em qualquer período não exercessem a profissão em hospitais do Estado, perdiam o salário proporcional que recebem (KLETEMBERG; SIQUEIRA, 2003).

Ao final do curso que podia ser feito em dois anos, era conferido ao aluno um diploma assinado pelo diretor da assistência médico – legal do Alienados. Esse curto tempo de curso ressalta a carência de profissionais e a necessidade de habilitação rápida, minimizando o atendimento precário dos pacientes nos serviços de saúde (BESSA et al., 2006). Este diploma dava a preferência a empregos em hospitais do Estado e o seu exercício era de 25 anos, o que dava direito a aposentadoria prevista em lei. Enquanto estivessem na escola, os alunos estavam sujeitos a penas disciplinares impostas pelas instruções do sistema interno aos empregados (MOREIRA; ORGUISSO, 2005).

Os cinco primeiros formandos da escola foram: José Joaquim Dias Paredes, Aureliano Francisco de Carvalho, Albertina Gomes Barreto, Conceição da Silva Carvalho e Henriqueta Rosas (MOREIRA, 2010). O interesse da escola

a serviço do estado era encaminhar os formados para os serviços públicos, garantindo o retorno profissional através de reservas de vagas de trabalho (BESSA et al., 2006).

Durante muitos anos, a escola mais antiga de enfermagem foi esquecida. Mesmo funcionando foi noticiado na revista Brasil – Médico em abril de 1897 que a escola tinha sido inaugurada em 03/04/1897, sob a direção do Dr. Marcio Wery, médico chefe do hospital dos Alienados (MOREIRA; ORGUISSO, 2005). Nesta mesma reportagem, relatava-se que havia começado as disciplinas de fisiologia, propedêutica e anatomia descritiva; contudo, não estava relacionado na literatura se essa inauguração seria uma aula inaugural de início de ano letivo da escola.

O objetivo da escola, era ensinar os funcionários, que trabalhavam no próprio hospício, dar oportunidades para mulheres órfãs que não tinham uma profissão e sustento após os dezoito anos quando iriam ser convidadas a se retirar do orfanato e além de suprir a falta de mão de obra relacionada a retirada das irmãs de caridade (MOREIRA; ORGUISSO, 2005).

Após ser criado o Departamento Nacional da Saúde em 1901 foi implantada a enfermagem moderna implantada através de enfermeiras norte americanas (MOREIRA; ORGUISSO, 2005). Mesmo após a EPEE já ter mais de 30 anos, não foi aproveitado, pois nesse momento político havia varia epidemias principalmente febre amarela com alta incidência na população eles conquistaram com a ajuda da Fundação Rockfeller e de médicos sanitaristas para atuarem durante essas endemias (KLETEMBERG; SIQUEIRA, 2003). A EPEE e seu ensino tradicional foi ignorada com o ensino dessa nova enfermagem, a enfermagem moderna.

Durante um longo período, a escola ficou inativa, mais especificamente até 1904, para a reorganização da assistência do hospital realizado pelo Dr. Juliano Moreira (KLETEMBERG; SIQUEIRA, 2003). Posteriormente, a escola voltou a funcionar, sendo formados um número elevados de enfermeiro de ambos os sexos. Já em primeiro de abril de 1906, na revista “O Brasil – Medico”, elogiou-se o hospital dos alienados, relatando-se que o corpo médico para o preparo do enfermeiro teria um padrão superior em ensino a escola francesa (MOREIRA; ORGUISSO, 2005).

Em 1908, Dr. Juliano Moreira, em um relatório enviado ao ministério da justiça, ressaltou que a escola de enfermagem fundada no hospital tinha bons resultados e não podia funcionar durante aquele ano de 1908 (KLETEMBERG; SIQUEIRA, 2003). Ressaltou-se, ainda, que os alunos estavam sobrecarregados de serviços, obrigando-os a terem vigilância permanente a grande quantidade de pacientes atendidos, pois os mesmos não teriam tempo para frequentar as aulas da escola (MOREIRA; ORGUISSO, 2005).

A enfermagem no Brasil foi regulamentada em 31 de dezembro de 1923 por meio do decreto nº 16300/23, onde regulamentou-se o Departamento Nacional de Saúde Pública. Dentro desse departamento, houve, ainda, a regulamentação da Escola de Enfermeiras criada em 10 de novembro de 1922, por meio do decreto nº 15799/22, onde ficava em anexo ao Hospital Geral de Assistência e tinha o objetivo de ensinar e diplomar as enfermeiras (MOREIRA; ORGUISSO, 2005).

Em janeiro de 1923 na cidade do Rio de Janeiro foi fundada a Escola Anna Nery onde o ensino da escola foi a enfermagem moderna (MOREIRA; ORGUISSO, 2005). A escola foi criada pelas enfermeiras americanas que vieram a partir de um convite feito pelo Governo, sob a supervisão da Fundação Rockefeller.

A partir do dia 02 de abril de 1941, a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras a escola passou a se chamar Escola de Enfermagem Alfredo Pinto - EEAP, sendo hoje, a escola de enfermagem da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO (MOREIRA; ORGUISSO, 2005). Após a troca de nome, a EEAP teve como gestão entre os anos de 1943 a 1949 da enfermeira Maria de Castro Pamphiro (BESSA et al., 2006).

O objetivo do curso seria habilitar enfermeiros assistentes e serviços sanitários e qualificar os enfermeiros formados em serviços de psiquiatria (BESSA et al., 2006). A duração do curso seria de dezoito meses para auxiliares e seis meses para enfermeiros diplomados. Era admitido para enfermeiros auxiliares, ter dezessete anos completos, exames de sanidade mental realizados pela escola, identidade, prova de admissão a nível do então 2º grau e noções de física, química e biologia, estágios e experiências anteriores e verificação de aptidão vocacional (BESSA et al., 2006).

O método de ensino empregado eram arguição, trabalhos de laboratórios, prática hospitalar, exercícios de aplicação e estágios. Os professores e monitores eram enviados pelo ministério do Estado. Os alunos tinham auxílio a alimentação, hospedagem, vestuários de trabalho e um auxílio mensal para se manterem. Esses profissionais eram diplomados como enfermeiros auxiliares com direitos e deveres definidos por lei. A escola se localizava na sede da Praia Vermelha e era mantida pelo Serviço Nacional de Doenças Mentais (BESSA et al., 2006).

A importância do ensino da história da enfermagem se dá como uma fonte de análise sobre os seus contextos, diversos percursos e seus diferentes personagens. A partir disso as construções científicas, relacionados aos feitos geram linhas múltiplas de investigação. Onde o contato de diferentes saberes se torna imprescindíveis (Orguissio e Campos.,2013)

4. METODOLOGIA

4.1 FASES DA REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA

O presente estudo parte de uma Revisão Integrativa de Literatura (RIL) que traça as bases históricas da Teoria Ambientalista e descreve o panorama do ensino desta teoria por meio de busca sistematizada em bases de dados selecionadas para o desenvolvimento do estudo. Utilizou-se como palavras-chave os seguintes termos: “História do Cuidado”, “História da Enfermagem”, “Teoria Ambientalista” e “Florence Nightingale”.

Para a realização de um estudo baseado no método denominado RIL, deve-se estabelecer hipóteses e conclusões acerca do tema delimitado pelos autores. Este método tem sua base alicerçada na proposta de integração e colaboração de várias disciplinas, de modo a identificar práticas baseadas em evidências (OLIVEIRA, 2017). Vale ressaltar que para o desenvolvimento apropriado da RIL, torna-se necessário adotar fases relevantes que visam corroborar para o alcance dos achados. Assim, o estudo se baseia em 6 fases propostas por Souza (2010), a saber:

1ª Fase: Elaboração da pergunta norteadora

A elaboração da pergunta de norteadora e a busca em bases de dados permitem que o pesquisador obtenha as informações recentes sobre temas nas áreas clínica ou acadêmica de modo preciso. Destarte, delimitou-se

a pergunta norteadora: Qual o estado da arte acerca da publicação nacional sobre conceitos históricos da enfermagem?

2ª Fase: Busca ou amostragem na literatura

A fim de selecionar os artigos, utilizou-se as bases de dados Web of Science, Scielo, Google Scholar e Pubmed, bem como palavras-chave pré-selecionadas para alcançar estudos relevantes para a RIL.

3ª Fase: Coleta de dados

Adaptou-se um instrumento validado por Ursi (2006), para sumarizar e organizar os resultados da revisão. A coleta de dados ocorreu no período de agosto a dezembro de 2021. Os critérios de inclusão foram: (i) publicações referentes a conceitos históricos da enfermagem; (ii) artigos revisados por pares; (iii) publicações no idioma português e (iv) artigos publicados entre 2011 e 2021. Os critérios de exclusão foram: (i) literatura cinzenta; (ii) artigos com objetivos que fossem de encontro ao escopo do presente estudo. Após aplicação desses critérios, incluiu-se 12 artigos para a RIL.

4ª Fase: Análise crítica dos estudos incluídos

Realizou-se, a priori, a leitura exhaustiva dos títulos e dos resumos de modo a garantir que os estudos contemplassem a pergunta norteadora e atendessem aos critérios de inclusão e exclusão estabelecidos para este estudo. Na hipótese de dúvidas acerca da seleção de determinado artigo, pré-selecionou-se o estudo e decidiu-se sobre sua inclusão somente após a leitura do texto na íntegra.

5ª Fase: Discussão dos resultados

Esta fase é apresentada de forma categorizada. Para a organização e tabulação dos resultados, elaborou-se um instrumento contendo: título, ano de publicação, autores e tema dos estudos.

6ª Fase: Apresentação da Revisão Integrativa

Apresenta-se a síntese dos achados por meio de figuras e tabelas, de acordo com as categorias selecionadas para o estudo.

A Figura 1 mostra detalhadamente as fases da RSL, baseado no modelo de Moher (2010), que utiliza os itens de relatórios preferenciais para revisões e metanálises, denominado PRISMA.

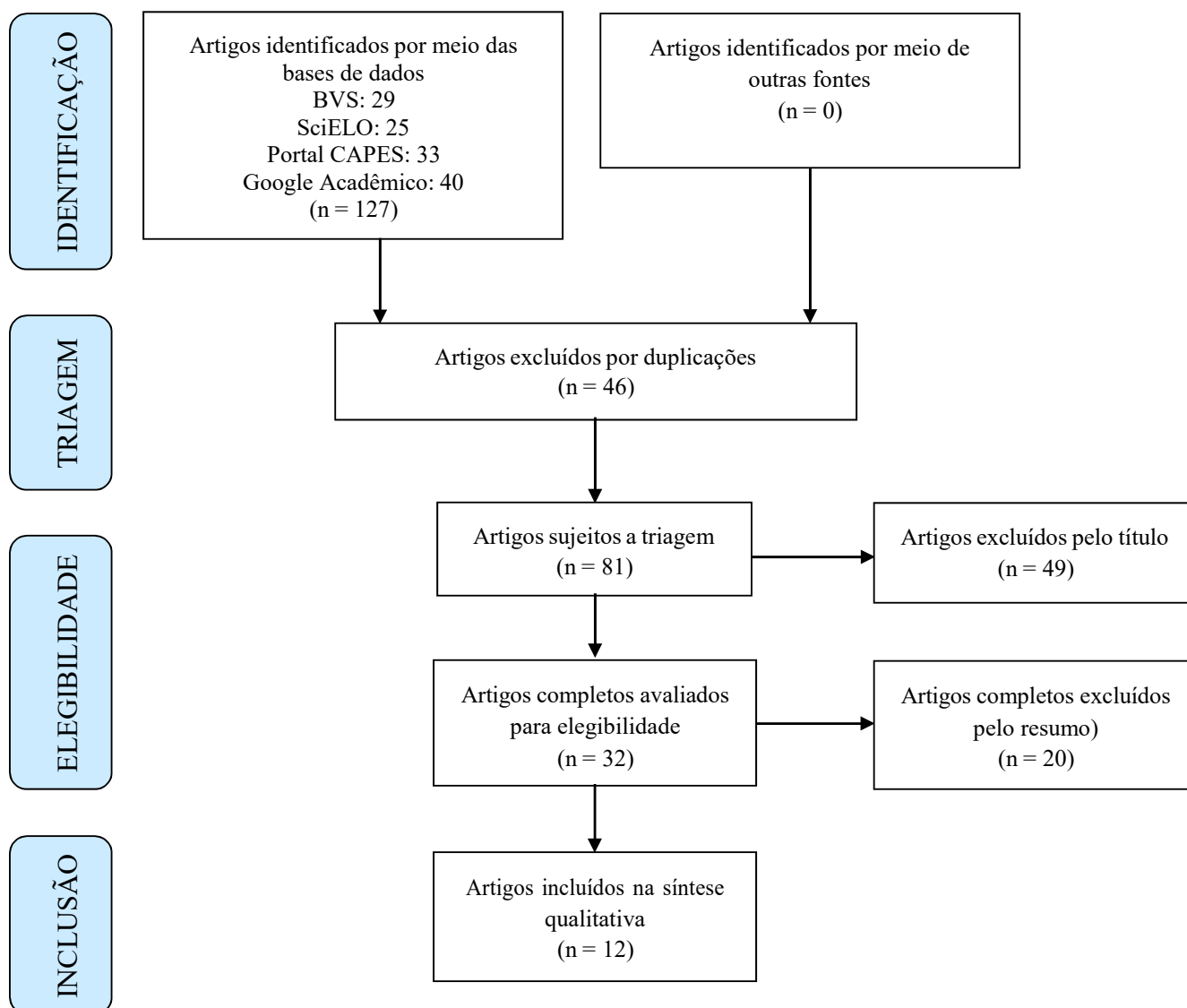


Figura 1 - Fluxograma baseado no PRISMA 2010 com os resultados da seleção dos artigos.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção fornece os resultados da revisão de acordo com os objetivos deste estudo, bem como o estado da arte acerca da publicação nacional sobre conceitos históricos da enfermagem. Assim, apresenta-se a descrição dos estudos incluídos na RIL resultado de artigos proveniente da equação de busca por meio da Tabela 1.

Tabela 1 - Descrição dos estudos incluídos na revisão integrativa,

Título	Autores	Ano	Periódico	Método
Teoria Ambientalista de Florence Nightingale: Uma Análise Crítica	Medeiros, Enders e Lira	2015	Escola Anna Nery Revista de Enfermagem	Teórico Reflexivo
A Teoria Ambientalista de Florence Nightingale no Ensino da Escola de Enfermagem Anna Nery (1962-1968)	Haddad e Santos	2011	Escola Anna Nery Revista de Enfermagem	Histórico Social
Análise Descritiva da Teoria Ambientalista de Enfermagem	Bezerra et al.	2018	Enfermagem Foco	Teórico Reflexivo
Florence Nightingale e suas Contribuições para o controle das infecções hospitalares	Martins e Benito	2016	Universitas Ciências da Saúde	Revisão Sistemática
Demandas de Cuidado Domiciliar da Criança Nascida Exposta ao HIV na ótica da Teoria Ambientalista	Lima et al.	2013	Revista Gaúcha de Enfermagem	Qualitativo Exploratório Descritivo
A teoria de Florence Nightingale e suas contribuições para o pensamento crítico holístico na enfermagem	Riegel et al.	2021	Revista Brasileira de Enfermagem	Teórico Reflexivo
Identidade da enfermeira: uma reflexão iluminada pela perspectiva de Dubar	Figueiredo e De Almeida Peres	2019	Revista de Enfermagem Referência	Teórico Reflexivo
A Enfermagem ante a covid-19: reflexões para a intervenção praxica	De Oliveira Souza	2020	Avances en Enfermería	Teórico Reflexivo
Aspectos epistemo-cognitivo-filosóficos no ideário de Florence Nightingale (1890-1910)	Brandão e Galluzzi	2019	Revista Scientiarum Historia	Teórico Reflexivo
Contribuição da Teoria Ambientalista de Florence Nightingale no controle das infecções hospitalares.	Da Motta, De Oliveira e De Azevedo	2021	Revista Multidisciplinar em Saúde	Revisão integrativa
Tecnologias não invasivas de cuidado de enfermagem fundamentadas na Teoria Ambientalista de Florence Nightingale	Levachof, De Carvalho Martins e Barros	2021	Global Academic Nursing Journal	Revisão integrativa
A Teoria Ambientalista no ensino e na prática profissional em	enfermeira		gem: uma revisão integrativa.	

Silveira-Alves et al.

2021

Revi

sta

Práxis

Revi

são

i
n
t
e
g
r
a
t
i
v
a

Fonte: Baseado em Ursi (2006).

Por meio dos resultados, observa-se publicações entre os anos de 2011 a 2021 com predominância no estado do Rio de Janeiro. O levantamento bibliográfico evidenciou uma quantidade reduzida de artigos recentes sobre a Teoria Ambientalista no Brasil, demonstrando que existe uma clara lacuna na literatura sobre este tema.

Dentre os trabalhos selecionados, Medeiros et al. (2015) analisam a Teoria Ambientalista e como seu ensino influencia na prática profissional, demonstrando que a Teoria Ambientalista tem conceitos ainda extremamente atuais e como tal sendo de importância significativa para a atual prática do enfermeiro. Os autores ainda apontam que os conceitos da teoria fornecem uma base conceitual sólida para a elaboração de proposições para uma prática de higiene ambiental pelos profissionais da enfermagem.

O trabalho de Haddad et al. (2011), por sua vez, já se debruça na discussão sobre a aplicação dos conceitos da Teoria Ambientalista na disciplina de fundamentos de enfermagem. Os autores demonstram em seu estudo que a teoria colabora em evidenciar a importância da implementação de assistência por condições de recuperação, reabilitação e cura através de um ambiente de qualidade, além da importância da prática de um cuidado holístico através de uma assistência sistemática dos princípios éticos da profissão e os valores morais dessa sociedade. Os autores ainda ressaltam que diversos aspectos da Teoria Ambientalista foram incorporados ao ensino da prática de enfermagem em diferentes partes do mundo, inclusive no Brasil, sendo os ideais de Florence Nightingale adaptados às diferentes realidades nacionais, cabendo aos profissionais de enfermagem o papel de analisar as necessidades de suas sociedades e assim praticarem a profissão da melhor forma dentro de seu contexto de época.

Bezerra et al. (2018) discutem em seu trabalho a avaliação da Teoria Ambientalista sob o prisma da teoria de Meleis, que permite explicitar os principais componentes da estrutura de uma teoria. A análise da Teoria Ambientalista sob a perspectiva de Meleis mostrou a importância da ação do profissional da enfermagem implementado um ambiente saudável. Os autores concluem que a teoria se mostra sempre atual, mostrando sua aplicabilidade no dia-a-dia na prática profissional relacionando o ser humano, a saúde e o ambiente.

No estudo de Martins & Benito (2016), tem sido abordado como a Teoria Ambientalista contribui no controle e combate de infecções hospitalares, através da arquitetura hospitalar e sua administração, demonstrando a importância da Teoria Ambientalista através da atenção direcionada aos pacientes em todas as ações hospitalares.

Lima et al. (2013) discutem sobre a necessidade de identificar as demandas dos cuidados domiciliares da criança exposta a doença do HIV, através da Teoria Ambientalista. Os autores demonstram, através da teoria, que para promover a saúde a essa criança é necessário focar no seu ambiente domiciliar, o qual deve apresentar ar puro, água filtrada, rede de esgoto e saneamento básico bem como iluminação e ventilação adequadas, características essas que colaboram para a melhoria da saúde destas crianças.

Neste interim, Riegel (2021) reflete sobre o legado de Florence Nightingale ao descrever suas contribuições para o pensamento crítico holístico na enfermagem. O autor destaca que a filosofia e os ensinamentos de Florence Nightingale enfatizam que a enfermeira deve usar o cérebro, o coração e as mãos na criação de ambientes de cura, para cuidar do corpo do paciente, de sua mente e de seu espírito.

Nesta linha de pensamento, reflete sobre o processo de formação da identidade profissional da enfermeira segundo Florence Nightingale, precursora da enfermagem moderna no mundo. Os achados deste estudo destacam que a identidade profissional da enfermeira nightingaleana foi construída no espaço hospitalar, a partir do conhecimento e da prática dos princípios de cuidados e de administração, mediados pela disciplina, definidos por Nightingale.

DE OLIVEIRA SOUZA buscou compreender como a práxis da enfermagem pode se efetivar no enfrentamento da COVID-19, considerando as faces social e coletiva do processo. Considerando o período atual, os autores ressaltam o papel da enfermagem no enfrentamento da COVID-19, na assistência dos indivíduos infectados, na prevenção da transmissão e na mitigação de seus efeitos sociais no bem-estar coletivo. Estes fatores vão ao encontro dos conceitos da teoria de Florence Nightingale.

Florence Nightingale sempre destacou como uma grande ativista na filantropia por meio de seus cuidados com os pobres e doentes que viviam em sua vila. Em consonância a esta afirmação, Brandão e Galluzzi (2020)

caracterizaram aspectos sobre a visão e divulgação do trabalho de Florence Nightingale no Brasil por meio da análise de escritos sobre sua vida em publicações de jornais do Brasil entre 1890 e 1910. Destacou-se que a influência de Florence Nightingale permitiu a disseminação de novos conhecimentos sobre a profissão de enfermagem na Europa e em outros países, bem como o marco ideológico da prática de cuidar e dos comportamentos que atenderiam a seus ensinamentos para influenciar posteriormente a profissão.

Com base na Teoria Ambientalista de Florence Nightingale Motta, Oliveira e Azevedo (2021) refletiram sobre sua contribuição na área da saúde e da enfermagem com destaque ao controle das infecções hospitalares. Em uma revisão integrativa, os autores concluíram que a Teoria Ambientalista de Florence Nightingale tem corroborado de forma relevante para que os ambientes de saúde possam refletir sobre os meios através dos quais, principalmente a enfermagem deve utilizar para reduzir as infecções nestes ambientes.

Ainda por meio de uma revisão integrativa, Silveira-Alves et al. (2021) demonstraram a influência da Teoria Ambientalista de Florence Nightingale na formação de enfermeiros e em sua prática profissional. O estudo permitiu evidenciar que a incipiência em relação à publicação acerca do ensino da Teoria Ambientalista tanto na teoria quanto na prática.

Levachof, De Carvalho Martins e Barros (2021) buscaram associar as concepções da Teoria Ambientalista de Florence Nightingale com a utilização das tecnologias não invasivas às práticas efetivadas pela enfermagem durante o parto, trabalho de parto e puerpério. Em reflexão aos achados dos autores, entende-se a necessidade de considerar o ambiente, como um conjunto de elementos indispensáveis, bem como pressupostos da Teoria Ambientalista com vistas a associação às tecnologias não invasivas de cuidado de enfermagem utilizadas no trabalho de parto e parto.

5.1 O PRODUTO EDUCACIONAL

No momento atual em que vivemos as técnicas digitais são as principais ferramentas, condicionando e impactando as novas concepções da sociedade. Decorrente desta evolução na tecnologia, a maioria dessas invenções são constituídas por tecnologias que potencializam a produção da linguagem. Através disso o ser humano se torna sujeito e adquire a “significância cultural” (MODELKI.D. et al. 2019).

Estamos no momento de conectividade e mobilidade, ressignificando as atividades legitimadas para uma em pequeno espaço de tempo. A velocidade dessas transformações aconteceram pelos avanços das técnicas nos dispositivos digitais. A informação que é disponibilizada no ciber espaço permite que seu acesso seja feito de qualquer lugar e qualquer momento, desde que tenha um dispositivo digital para acesso. Surgindo uma nova cultura sendo chamada de cibercultura. A cibercultura é a cultura estruturada pelo uso de técnicas digitais em rede nos ciberespaços e da cidade. Com isso a aprendizagem vai além dos espaços acadêmicos (ROSSINI, T.S.S. et al. 2017)

Os resultados obtidos por meio da RIL contribuíram para a elaboração de um Produto no formato *Flipbook* digital que aborda um instrumento conceitual históricos da enfermagem destinado a alunos de cursos de graduação e técnico em enfermagem, intitulado “História da Enfermagem: Fundamentos Nightingaleanos”. Considerando que, em geral, a carga horária de cursos técnicos de enfermagem não permite o aprofundamento acerca destes conceitos, entende-se ser relevante não limitar este Produto apenas a alunos de graduação. Cabe ressaltar que o foco principal de cursos técnicos em enfermagem é justamente ensinar técnicas relacionadas à prática do cuidado em enfermagem aos profissionais que pretendem atuar como Técnicos em Instituições de Saúde. O Produto foi elaborado por meio do aplicativo *Flipsnack* e se encontra disponível em: <https://www.flipsnack.com/7FCDDC5569B/produto-pdf.html>. Vale ressaltar que o mesmo contém imagens sem *copyright* ©. A Figura 2 apresenta capa do Produto.

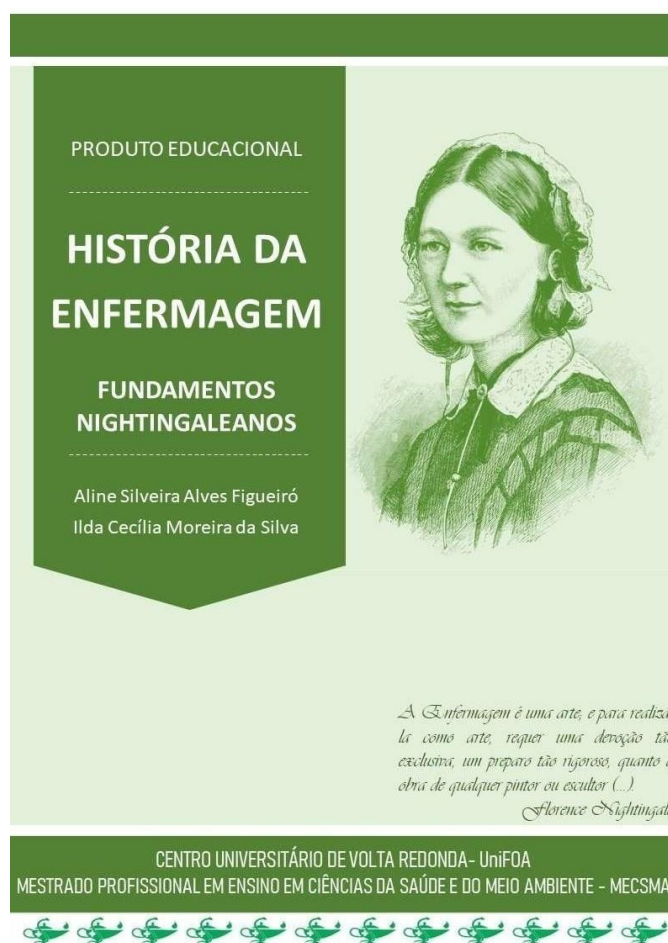


Figura 2 – Representação da Capa do Produto. Desenvolvedor do Flipbook: Flavio Vaz

Espera-se que este Produto sirva como um instrumento para disseminação de conhecimentos acerca da História da Enfermagem e sobre o legado de Florence Nightingale, considerando que a mesma exerceu um papel de extrema relevância neste cenário.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo permitiu compreender que a adoção dos conceitos identificados na Teoria Ambientalista de Florence Nightingale contribuiu para avanços significativos na construção do conhecimento em enfermagem. No ano de 2020, como parte das celebrações do bicentenário do nascimento de Florence Nightingale, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou que este seria o ano internacional da enfermagem; neste mesmo ano seria deflagrada pela OMS a pandemia da COVID-19.

Nesse sentido, o ambiente psicológico, em particular, demanda especial atenção em um cenário que os pacientes são isolados de seus familiares: as medidas preconizadas na Teoria Ambientalista para proporcionar conforto e

bem-estar psicológico aos pacientes se mostram primordiais e hoje as tecnologias de comunicação têm desempenhado o papel que outrora foi das cartas escritas por Nightingale.

Nos dias atuais, ou seja, há mais de um século depois de sua concepção, a Teoria Ambientalista ainda se mostra atual e urgente: seus princípios têm norteado as ações de saúde em todo o mundo, desde as ações de isolamento social ao design de hospitais de campanha; no ano em que se comemora o bicentenário da fundadora da enfermagem moderna sua Teoria Ambientalista reemerge em meio ao combate à pandemia de COVID-19 tendo em suas linhas de frente importante atuação dos profissionais de enfermagem à luz de sua teoria.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. G. de et al. Instrumentação cirúrgica, 2019. 40 p. Monografia – Enfermagem, ETEC Profº José Sant’ana de Castro Cruzeiro, Cruzeiro, 2019
- ATTEWELL, A. Florence Nightingale’s Relevance to Nurses. *Journal of Holistic Nursing*. V. 16, n. 2, p. 281-291, 1998.
- BESSA, D. F. et al. Perfil epidemiológico dos pacientes queimados no hospital regional de urgência e emergência de Campina Grande-Paraíba-Brasil. *Rev. bras. ciênc. saúde*, p. 73-80, 2006.
- BEZERRA, C. M. B. et al. Análise descritiva da Teoria Ambientalista de enfermagem. *Enfermagem em Foco*, v. 9, n. 2, 2018.
- BORGES, E. et al. Reflexões sobre enfermagem pós Florence. *Revista Mineira de Enfermagem*, p. 77- 82, 2000.
- BRANDÃO, A. P. C. L.; GALLUZZI, M. L. Aspectos epistemo-cognitivo-filosóficos no ideário de Florence Nightingale (1890-1910). *Revista Scientiarum Historia*, v. 2, p. 10-10, 2020.
- COSTA, R. et al. O legado de Florence Nightingale: uma viagem no tempo. *Texto & Contexto - Enfermagem*, n. 4, p. 661–69. 2009.
- DA MOTTA, R. O. L.; DE OLIVEIRA, M. L.; DE AZEVEDO, S. L Contribuição da Teoria Ambientalista de florence nightingale no controle das infecções hospitalares. *Revista Multidisciplinar em Saúde*, v. 2, n. 3, p. 112-112, 2021.
- DE OLIVEIRA SOUZA, D. A Enfermagem ante a covid-19: reflexões para a intervenção praxica. *Avances en Enfermería*, v. 38, p. 81-90, 2020.
- DIAS, J. C. P. et al. II Consenso Brasileiro em Doença de Chagas, 2015. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 25, p. 70-86. 2016.
- DONOSO-VÁZQUEZ. T. et al. Barreras de género en el desarrollo profesional de la mujer universitaria. *Revista de Educación*, n. 355, p. 187-188, 2011.
- DOSSEY. B.M. The year of the nurse and the midwife. *Matters of Note*. *EXPLORE: The Journal of Science and Healing*, n. 16, p. 208-209. 2020.
- FAUR, M. Círculos sagrados para mulheres contemporâneas: Práticas, rituais e

cerimônias para o resgate da sabedoria ancestral e a espiritualidade feminina. Editora Pensamento, 2021. 560 p.

FIGUEIREDO, M. A. G.; DE ALMEIDA PERES, M. A. Identidade da enfermeira: uma reflexão iluminada pela perspectiva de Dubar. *Revista de Enfermagem Referência*, v. 4, n. 20, p. 149-154, 2019.

GEOVANINI, T. *História da Enfermagem - versões e interpretações*. Rio de Janeiro: RETIVER, 1995. 470 p.

HSU, J. How the COVID-19 pandemic may reshape US hospital design. Disponível em: <<http://www.medscape.com/viewarticle/928952>>. Acesso em: 20 de set. de 2021.

GESTEIRA, H. M.; LEAL, J. E. F.; SANTIAGO, M. C. (Ed.). *Formulário Médico: manuscrito atribuído aos Jesuítas e encontrado em uma arca da Igreja de São Francisco de Curitiba*. SciELO-Editora FIOCRUZ, 2019. 416 p.

HADDAD, V. C. N.; SANTOS, T. C. F. A Teoria Ambientalista de Florence Nightingale no ensino da escola de enfermagem Anna Nery (1962-1968). *Escola Anna Nery*, v. 15, n. 4, p. 755-761, 2011.

KLETEMBERG, D. F.; SIQUEIRA, M. T. A Dalledone. A criação do ensino de enfermagem no Brasil. *Cogitare Enfermagem*, v. 8, n. 2, 2003.

KRUSE, M. *Enfermagem Moderna: a ordem do cuidado*. *Revista Brasileira de Enfermagem*, n. 59, p. 403-410, 2006.

LEVACHOF, R. C. Q.; DE CARVALHO MARTINS, A.; BARROS, G. M. Tecnologias não invasivas de cuidado de enfermagem fundamentadas na Teoria Ambientalista de Florence Nightingale. *Global Academic Nursing Journal*, v. 2, n. 1, p. 82-82, 2021.

LIMA, I. C. V. et al. Demandas de cuidado domiciliar da criança nascida exposta ao HIV na ótica da Teoria Ambientalista. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 34, p. 64-71, 2013.

LOPES, L.; SANTOS, S. Florence Nightingale – Apontamentos sobre a fundadora da Enfermagem Moderna. *Revista de Enfermagem Referência III Série*, n. 2, p.181–89, 2010.

LOPYOLA, C. M. D.; OLIVEIRA, R. M. P. Florence Nightingale e a arte de

enfermagem: texto e contexto da Inglaterra Vitoriana. Escola Anna Nery, v. 25, 2021.

MARTINS, D. F.; BENITO, L. A.O. Florence Nightingale e as suas contribuições para o controle das infecções hospitalares. Universitas: Ciências da Saúde, v. 14, n. 2, p.153-166, 2016.

MARTISCHANG. R.; PETERS, A.; REART, A.N., PITTET, D. The voice of nurses in hospital epidemiology and infection control: An example from the 19th century. International Journal of Infectious Diseases, n. 96, p. 119-120, 2020.

MEDEIROS, A. B. A.; ENDERS, B. C.; LIRA, A. L. B. C. Teoria Ambientalista de Florence Nightingale: uma análise crítica. Escola anna nery, v. 19, p. 518-524, 2015.

MEDEIROS, L.; TAVARES, K. O papel do enfermeiro hoje. Revista Brasileira de Enfermagem. v.50, n.2, p.275- 290,1997.

MODELSKI, D. et al. Tecnologias Digitais, Formação Docente e Práticas Pedagógicas. Educação e Pesquisa, v. 45, 2019.

MOREIRA.A; OGUISSO.T. Profissionalização da enfermagem brasileira. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

NIGHTINGALE, F. Notas sobre enfermagem. São Paulo: Cortez, 1989.

OLIVEIRA, W. A. et al. Saúde do escolar: uma revisão integrativa sobre família e bullying. Ciência & saúde coletiva, v. 22, p. 1553-1564, 2017.

ORGUISSO.T.; CAMPOS.P. Por que e para que estudar história da enfermagem? Enfermagem em Foco, 4 (1), p. 49-53, 2013.

PIRES. F. Perfil da qualidade de vida de idosos ativos e sedentários. Revista Brasileira de Qualidade de Vida. v. 05, n. 1, p. 12-21.2013

RIEGEL, F. et al. A teoria de Florence Nightingale e suas contribuições para o pensamento crítico holístico na enfermagem. Revista Brasileira de enfermagem, v. 74, 2021.

ROSSINI, T.S.S. et al. Recursos educacionais abertos na formação de professor-autor na cibercultura. EaD em Foco, 7(1), p. 01-14, 2017.

ROTHER, E.T. Systematic literature review x narrative review. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ape/v20n2/en_a01v20n2.pdf>. Acesso em: 14 de

maio de 2021.

SANTOS, E. J. B. et al. As representações da deusa Ísis nas obras de Plutarco e Apuleio: as faces de uma divindade e seus cultos (sécs. I e II dC), 2021. 233 p. Dissertação - Programa de Pós Graduação de História ,Universidade Federal de Goiás, Goiania, 2021.

SASSERON, L. H.; DE CARVALHO, A. M. P. Almejando a alfabetização científica no ensino fundamental: a proposição e a procura de indicadores do processo. *Investigações em ensino de ciências*, v. 13, n. 3, p. 333-352, 2016.

SILVA, S. O. et al. Relações de gênero para além da muralha: o empoderamento feminino na série televisiva *Game of Thrones*, na representação da mulher medieval entre séculos XI ao XIII, 2019. 150 p. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de História, UFAL, Maceió, 2019.

SILVEIRA-ALVES, A. et al. A Teoria Ambientalista no ensino e na prática profissional em enfermagem: uma revisão integrativa. *Revista Práxis*, v. 13, n. 25, 2021.

SILVA, G. B. *Enfermagem profissional: análise crítica*. São Paulo, Cortez, 1986.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein (São Paulo)*, v. 8, p. 102-106, 2010.

TEIXEIRA, MARCUS ZULIAN. O vitalismo homeopático ao longo da história da medicina. *Homeopat. Bras*, v. 8, n. 2, p. 109-123, 2002.

TURKIEWICZ, M. *História da Enfermagem*. Paraná, ETECLA, 1995.

URSI, E. S.; GAVÃO, C. M. Prevenção de lesões de pele no perioperatório: revisão integrativa da literatura. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 14, n. 1, p. 12